

O QUE PENSAM CRIANÇAS E ADOLESCENTES ACERCA DA VIOLÊNCIA? UMA INVESTIGAÇÃO PSICOSSOCIOLÓGICA

Danyelle Monte Fernandes da Costa¹

RESUMO

A violência é um problema de saúde pública que atinge as diversas sociedades no contexto global, configurando-se enquanto um fenômeno causador de preocupação constante a um grande número de pessoas, de ambos os sexos, de todas as gerações, sem considerar nível social, econômico, religioso ou cultural específico. Em geral, o fenômeno em questão atinge de forma hostil os seres mais indefesos da sociedade, tais como as crianças e adolescentes. O presente estudo recebeu o enfoque da Psicologia Social, ancorado na abordagem psicossociológica da Teoria Moscovicianiana acerca das Representações Sociais. Desse modo, o objetivo deste trabalho é apreender as representações sociais da violência elaboradas por crianças e adolescentes no contexto escolar da rede pública da cidade de João Pessoa, Paraíba. A amostra compreendeu 100 crianças e adolescentes, as quais foram submetidas a um questionário sócio-demográfico e uma questão aberta sobre o significado da violência. Os resultados foram processados pelo software ALCESTE no qual a classificação hierárquica descendente (CHD) reteve 95,97% do total de Unidades de Contexto Elementares (U.C.E) do *corpus*, organizadas em seis classes. Após decomposição os resultados evidenciaram que as representações sociais elaboradas pelos adolescentes ancoraram a violência como um fenômeno estrutural, que envolve condutas anti-sociais, a drogadição, ações maléficas e intencionais. Na amostra total independente de ser criança ou adolescente as ancoragens da violência se deram numa perspectiva mais psicossociais, que podem levar à morte e causar sofrimento psíquico às pessoas envolvidas, no entanto aparecendo a paz como estratégia de enfrentamento do fenômeno. Nessa perspectiva, as diferentes representações sociais verificadas neste estudo revelaram o caráter peculiar e pluridimensional da violência, que por sua vez demanda da família, e demais instituições socializadoras, estratégias eficazes para enfrentar a problemática em questão.

Palavras -chave: Representações Sociais; Violência; Criança e Adolescente.

ABSTRACT

Violence is a public health problem that affects many companies in the global context, while setting up a causative phenomenon of constant concern to a large number of people: both sexes, all ages, different social and economic level, religious or cultural. In general, the phenomenon in question reaches a hostile manner the defenseless members of society, such as children and adolescents. The present study was the focus of Social Psychology, anchored in social psychological the Moscovician Theory about Social Representations. Thus, the aim of this work is to identify the social representations of violence made by children and adolescents in the context of the public school in the city of Joao Pessoa, states of Paraiba, Brazil. The sample included one hundred children and adolescents undergoing a socio- demographic questionnaire and an open question about the meaning of violence. The ALCESTE software processed the results in which the Descending Hierarchical Classification (DHC) retained 95.97 % of the total Context Elementary Units (CEU) of the corpus, organized into six classes. After decomposition, the results showed that social representations elaborated by adolescents, anchored violence as a structural phenomenon that involves antisocial behavior, drug addiction, intentional and undesirable actions. In the total sample, regardless of child or adolescent, the anchors of violence gave a more psychosocial perspective, can lead to death and cause mental suffering to the people involved, however peace emerges as strategy to combat the phenomenon. In this perspective, the different social representations analysis in this study revealed the peculiar and multidimensional character of violence, which in turn demand from family and other socializing institutions, effective strategies to tackle the problem in question.

Keywords: Social Representations; Violence; Children and Adolescence.

1. INTRODUÇÃO: JUSTIFICATIVA E OBJETIVO

Um dos grandes fenômenos que atinge a humanidade e vem, cada vez mais, sendo questionado pela sociedade em geral, é o fenômeno da violência.

Tal fenômeno encontra-se diluído na sociedade, é multifacetado e apresenta diversas manifestações, que se interligam, interagem, realimentam-se e se fortalecem. Portanto qualquer reflexão teórico-metodológica sobre violência pressupõe o reconhecimento de sua complexidade, polissemia e controvérsia (Santos & Ferriani, 2007).

Acredita-se que tal temática deve ser explicada para além da mecânica de eventos, buscando abranger também a ordem macro-estrutural que estaria por trás das ocorrências de violência. Essa ordem pode ser traduzida por aspectos sociais, econômicos e culturais, como a desigualdade, a dominação de gênero e de gerações.

No presente estudo o objetivo será investigar a violência a partir da representação da mesma por crianças e adolescentes, por serem atores sociais inseridos no cenário global. E para acessar o discurso desses atores sociais, a investigação foi ancorada na Teoria das Representações Sociais. Partindo do pressuposto de que as representações sociais constituem formas de conhecimentos socialmente elaborados e partilhados pelos indivíduos em seus grupos, concorrendo para uma finalidade prática de comunicação e orientação do comportamento dos atores sociais no seu universo de pertença.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

A complexidade do fenômeno violência permite que autores (Minayo, 2001; Duarte, 2005; Faleiros & Faleiros, 2006; Bazon, 2008) a classifiquem em vários tipos, como: violência estrutural, violência criminal, violência simbólica e violência doméstica.

Para Duarte (2005), a violência estrutural refere-se às condições de vida, geradas a partir de decisões sociais e econômicas que comprometem o crescimento e desenvolvimento, em

consequência da ausência ou precariedade de políticas públicas, como: baixa qualidade da educação pública, falta de saneamento básico, trabalho, moradia.

A violência criminal ou infracional revela-se por ações fora da lei em vigor, envolvendo os indivíduos como vítimas e/ou agressores (Bazon, 2008). Também conhecida por violência da delinquência, devendo ser analisada a partir da compreensão da violência estrutural, que além de confrontar os indivíduos entre si, também os corrompem e os impulsionam ao delito (Minayo, 2001).

No tocante à violência simbólica, cujo conceito foi criado por Pierre Bourdieu, em meados da década de 70, no qual descrever o processo em que a classe dominante economicamente impõe sua cultura aos dominados. Sendo essa violência essencialmente social e psicológica, é definida como o exercício e a difusão de uma superioridade fundada em mitos, símbolos, imagens e construções sociais que discriminam, humilham e excluem; na verdade, estereotipam algumas categorias e criam um rótulo para as mesmas.

E finalmente a violência doméstica é definida por Duarte (2005) como “toda ação ou omissão que cause prejuízo ao bem-estar, à integridade física, psicológica, à liberdade e ao direito do pleno desenvolvimento de outro membro que convive no mesmo espaço doméstico (casa, vizinhança, rua onde mora)” (p.29).

Enfatiza-se que, apesar de formas diferentes de manifestações de violência, elas não são excludentes, mas sim cumulativas e, “a violência sexual, é também negligência, violência física e psicológica, violência simbólica, violência institucional e violência estrutural” (Castanha, 2005, p.14). Esta colocação da autora mostra a importância de perceber, abordar e apresentar o fenômeno violência de forma contextualizada.

Nas duas últimas décadas do século passado houve um crescimento do interesse da sociedade em geral pela discussão da temática violência, e muito provavelmente, um dos fatores desencadeantes foi uma maior divulgação da mesma através dos meios de comunicação de massa, que divulgam diariamente informações referentes a tal problemática, que rapidamente são disseminadas e se tornam alvo de observações e inferências nas relações interpessoais, por sua vez as crianças e adolescentes também participam deste processo e conseqüentemente são “contaminadas” sobre tal assunto.

Para Ribeiro e Martins (2006), “a violência é estimulada pela mídia, especialmente por vários programas de televisão aos quais as crianças e adolescentes são particularmente adeptos” (p.38). Por vezes a violência é amplamente publicada e tornada banal em cinemas, televisão e outras mídias.

Não se pretende aqui responsabilizar apenas a mídia pelas elaborações das representações das crianças e adolescentes, obviamente os meios de comunicação de massa influenciam de forma significativa, porém também nos bate-papos informais na escola, entre amigos e na própria família.

Neste trabalho o arcabouço teórico utilizado foi a teoria das representações sociais na perspectiva Moscoviciano, para ele na elaboração das Representações Sociais existem dois processos sócio cognitivos que são fundamentais para o funcionamento das mesmas, são eles: a objetivação e a ancoragem, no primeiro a intervenção do social se traduz através da disposição e da forma dos conhecimentos relativos ao objeto de uma representação; o outro refere-se ao enraizamento social da representação e o seu objeto, ambos funcionam como um círculo fechado.

O processo de objetivação diz respeito à forma como se organizam os elementos que constituem uma representação social. Seleção de informação, esquema figurativo, que seria a condensação dos elementos de informação e esvaziamento dos aspectos mais conflituosos e o processo de naturalização isto é de concretização dos elementos figurativos que se transformam em elementos evidentes e simples (Moscovici, 1976).

Para Padilha (2001), o processo de objetivação propicia materialidade às ideias e as tornam objetivas, concretas e palpáveis. Portanto, seria a concretização de um saber real em dado grupo, à medida que um conteúdo esquematizado penetra no meio social enquanto o grupo constrói sua realidade.

Enquanto a Ancoragem é definida de como a “incorporação de novos elementos do saber em uma rede de categorias mais familiares” (Doise e Palmonari, 1986 p.14). Em outras palavras é tornar familiar o que é novo, seria a assimilação de um objeto novo por objetos já existentes no sistema cognitivo, este processo tanto precede quanto procede à objetivação.

As representações, segundo Moscovici (1976), tem “função de orientação”, portanto, as representações sociais da violência, permitirão as crianças e adolescentes agirem, de acordo com as mesmas, orientando seus comportamentos e suas práticas.

Partindo dessas observações emergem questões norteadoras sobre a temática e pergunta-se: Qual será a representação social de crianças e adolescentes sobre a violência? Será que a violência é representada diferentemente entre crianças e adolescentes?

Para responder tais indagações buscou-se uma investigação com de um estudo de campo, do tipo exploratório de cunho quantitativo-qualitativo, utilizando uma amostra não probabilística. E o *locus* a pesquisa foram escolas Públicas na cidade de João Pessoa, cujo critério de escolha das salas de aula foi a faixa etária dos participantes e todas as aplicações aconteceram nos horários diurnos.

Fez-se necessário a princípio manter um contato prévio com as escolas para que as mesmas autorizassem a coleta e agendasse a aplicação dos instrumentos. A aplicação aconteceu de forma coletiva nas salas de aula, onde o aplicador fez a princípio um esclarecimento sobre a pesquisa e em seguida entregou a cada aluno o questionário. A amostra para este estudo foi composta de 100 alunos, sendo de ambos os sexos, com idade variando entre 07 e 18 anos. As variáveis fixas utilizadas foram sexo e idade.

Quanto à aplicação dos instrumentos foram utilizados, um questionário que se constituiu de itens referentes à identificação sócio demográfica e uma questão aberta, através da qual os participantes podem dissertar acerca do tema proposto (violência), a pergunta foi “o que você entende por violência?”. Tal aplicação aconteceu de forma coletiva nas salas de aula.

Todos os Procedimentos éticos seguidos com base na Resolução n° 196/96 do CNS/MS. Para tanto, obteve-se a aprovação pelo Comitê de ética em Pesquisa com seres humanos- CEP, sob o protocolo CEP/HULW n° 098/10 .

Na análise dos dados utilizou-se o programa computacional ALCESTE - (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*- (Reinert,1993). Tal programa computacional analisa dados textuais. O mesmo tem capacidade de processar de maneira automática, várias análises como: questões abertas, diálogos, obras literárias, artigos de revistas, romances e jornais. Ele realiza uma classificação estatística a partir de palavras evocadas

aprendendo as palavras que são mais repetidas não só por um sujeito, mas também pelo grupo que está sendo investigado, ele apresenta classes de palavras que representam as diferentes formas de discurso sobre o objeto de pesquisa no caso específico desta, é a violência. O programa efetua uma análise geral do material que é realizada em quatro etapas: leitura do texto; a divisão das matrizes e classificação das unidades de contexto elementar (UCE); a descrição da classificação efetuada e justificativa da classificação.

Ao término do processamento observa-se que os dados obtidos fornecem subsídios necessários quantitativos e qualitativos para que se possam inferir considerações de representações numa perspectiva da Teoria das Representações Sociais.

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise estatística executada pelo ALCESTE no *corpus* estudado consistiu numa Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que foi realizada com o propósito de acessar ao conteúdo das representações sociais das crianças e adolescentes. A CHD também possibilitou a disposição de cada classe sob a forma de uma árvore (ou dendograma), que verificou a relação entre as classes e a representatividade de cada uma destas no tocante ao *corpus* investigado.

No primeiro processamento, pelo Alceste, dos dados advindos do questionário semiestruturado compreendeu um *corpus* de 100 Unidades de Contexto Iniciais (U.C.I.). Das 1614 palavras, 435 foram analisadas com co-ocorrência <4 . A classificação hierárquica descendente (CHD) reteve 95,97% do total de Unidades de Contexto Elementares (U.C.E.) do *corpus*, organizadas em seis classes conforme a ilustração que se segue, é importante salientar que a figura ilustra a forma como o programa apresenta as classes que emergiram após o processamento e que tanto o agrupamento como o afastamento das mesmas devem ser analisados pelo pesquisador que nomeará cada agrupamento e cada classe individualmente.

Figura 2: Pseudo-frases – classes 1, 5 e 4

DENOMINAÇÃO DA CLASSE	SIGNIFICADOS	EXEMPLOS PSEUDO-FRASES
CLASSE 1 <i>Desejo de mudança</i>	Responsabiliza a violência pelas mortes de crianças e adolescentes e se deseja a paz	“crianças, muita gente... adolescentes morrem e eu não gosto disso..” “gosto de paz, fazer a paz...”
CLASSE 5 <i>Visão macro da violência</i>	Esta classe expressa que os participantes percebem o mundo como violento	“Uma coisa que deveria acabar porque este Brasil está muito violento” “Uma coisa bruta, de mau gosto, ruim....muito feia, coisa horrrosa”.
CLASSE 4 <i>Ações práticas da violência</i>	Refere-se a ações violentas a partir de componentes atitudinais	“É bater em alguém, matar uma pessoa...” “Entendo que é roubar, sequestrar e estuprar pessoas”

Fonte: Autor.

Em relação às classes 2, 3 e 6 que juntas formam o eixo temático denominado “*Implicações da violência*”. Na qual a classe 2 (20 uce), observa-se as evocações que emergiram como: *guerra* ($\chi^2 = 46$), *tristeza e significa* ($\chi^2 = 14$), *pai* ($\chi^2 = 7$) e *famílias e pais* ($\chi^2 = 4$), remetem a uma visão da “*violência social*”. No tocante a classe 3 (19 uce), cuja denominação é “*valoração negativa*”, foi composta por palavras como “*pode*” ($\chi^2 = 41$), “*entendo*” ($\chi^2 = 13$), “*briga*” ($\chi^2 = 11$) e “*ruim*” ($\chi^2 = 7$). E finalmente a classe 6 que emergiram palavras como “*morte*” ($\chi^2 = 31$), “*cadeia*” ($\chi^2 = 19$), “*drogas*” ($\chi^2 = 17$), “*briga*” ($\chi^2 = 11$), “*agressão*” e “*estupro*” ($\chi^2 = 6$). Que foi nomeada como “*consequências da violência*”, tais representações foram evocadas por participantes adolescentes.

O quadro a seguir apresenta a denominação das Classes 2, 3 e 6, com suas respectivas definições e algumas UCE representativas ou pseudo-frases.

Figura 3: Pseudo-frases – classes 2, 3 e 6

DENOMINAÇÃO DA CLASSE	SIGNIFICADOS	EXEMPLOS DE FRASES
CLASSE 2 <i>Violência social</i>	Refere-se tanto à macro violência quanto à violência na própria instituição família	<i>“luta de pai com filho...”</i> <i>“famílias contra famílias e guerra de pais contra pais”</i>
CLASSE 3 <i>Valoração negativa</i>	Esta classe se relaciona com o julgamento da violência, a partir de uma visão negativa	<i>“Entendo que a violência é coisa ruim”... “pode ter briga e maldade..”</i>
CLASSE 6 <i>Consequências da violência</i>	Percebe-se uma clara relação com violência estrutural e consequências.	<i>“a violência só traz briga, agressão, cadeia, roubo, estupro...”</i> <i>“...tráfico de drogas e muitas bandidos..”</i>

Fonte: Autor.

Nos resultados referentes às representações das crianças acerca da violência que foi demonstrada na Classe 4, cujas objetivações foram a partir das palavras “estuprar”, “bater”, “roubar”, “sequestrar”, “matar” e “assaltar” pode-se inferir que estas estão ancoradas em uma representação da violência a partir de atitudes práticas que envolvem a violência física, sexual e criminal ou infracional, mostrando assim, que estes participantes conseguem visualizar que a violência encontra-se presente na nossa sociedade e se manifesta de diversas formas. Um detalhe interessante é que todas as evocações apresentaram-se no infinitivo que remete a um componente atitudinal. O que nos pode crer que as crianças representaram a violência também como algo que acontece em uma prática, e a ideia do pensamento voltado para o concreto.

Esta representação também pode estar relacionada com a forma como as crianças recebem e processam as informações no seu cotidiano, seja através da mídia, nas escolas em bate-papos informais, na comunidade que residem ou até mesmo nos próprios lares.

Nas classes 1 e 5 que estão interligadas pode-se observar que a Classe 1, as objetivações foram “fazer” “gente” “crianças” “paz” “muita” e “gosto” e “adolescentes” e “morrem”,

mostrando assim uma violência ancorada na estratégia de enfrentamento da violência através de paz e na violência sendo responsável por mortes de pessoas, crianças e adolescentes.

Observa-se que a Classe 5 nomeada de “julgamento negativo” composta por palavras como: “uma”, “coisa”, “mundo”, “violento”, “acho” e “deveria”, está totalmente relacionada com a classe acima descrita pois também ancora a violência em algo danoso. Embora nesta classe se perceba uma maior generalização da violência quando fala “mundo violento”, envolvendo não só a morte como é descrito na classe anterior com uma visão mais globalizada.

As classes 2, 3 e 6 estão interligadas e juntas foram nomeadas de “*implicações da violência*”. Na classe 2 emergiram as objetivações *guerra, tristeza, significa, pai, famílias e país*. A violência foi ancorada enquanto um fenômeno macro quando se refere à guerra entre países e doméstica quando se refere à “guerra” entre pais e filhos trazendo tristeza para a família. A classe 3 foi composta por palavras como “*pode*” “*entendo*” , “*briga*” e “*ruim*” , estas estão ancoradas numa valoração negativa.

No tocante às representações sociais que emergiram dos participantes adolescentes na classe 6 que encontra-se interligada as classe 2 e 3, verificou-se que os mesmos ancoraram na violência estrutural e suas consequências. A partir das objetivações evocadas “morte”, “cadeia”, “drogas”, “briga”, “agressão” e “estupro”, pode-se inferir que estas representações apareceram ancoradas como um fenômeno estrutural, que envolvem condutas antissociais, a droga dicção, ações maléficas e intencionais. Este resultado corrobora com os resultados encontrados em Batista, Basso, Cocco e Geib (2004), que também investigaram as representações sociais dos adolescentes acerca da violência, embora tenham utilizado uma metodologia diferenciada, o que nos faz pensar que os adolescentes em geral conseguem “perceber” a violência através de um olhar macro como de fato a violência tem se apresentado para a sociedade como um cenário cinzento.

4. CONCLUSÕES

A partir destes resultados podemos considerar que o discurso do grupo total (crianças e adolescentes) encontra-se bem articulado perpassando pela ideação da violência como algo desfavorável para sociedade, que acontece de várias formas e atinge grupos diversos, como

também apresentam estratégia de enfrentamento para minimizar a violência quando emerge a palavra “paz”.

Pode-se inferir que a representação social das crianças e adolescentes acerca da violência revela-se em um caráter multifacetado que é peculiar ao próprio fenômeno que está presente na vida em geral e no cotidiano de todas as pessoas independente de idade, classe social, raça enfim ninguém está imune a esta crise multiforme.

5. BIBLIOGRAFIA

- Batista, C. Basso, E. Cocco, M. & Geib, L.T.C. (2004). *Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica*. Revista Eletrônica de Enfermagem, 6 (3), 350-357. Recuperado em 20 de novembro de 2009. Obtido em <http://www.fen.ufg.br>.
- Bazon, M.R. (2008). *Violências contra crianças e adolescentes: análise de quatro anos de notificações feitas ao Conselho Tutelar na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil*. Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro 24(2), 323-332.
- Castanha, N. (2008). *Violência sexual contra crianças e adolescentes: Uma questão em debate*. In: Cavansin, S. (Org.) Direitos sexuais são direitos humanos. Coletâneas de textos. Brasília, DF.
- Doise, W. & Palmonari, A. (1986). Les représentations sociales: définition d'un concept In: *L'étude des représentations sociales*. Paris: Delachaux & Niestlé.
- Duarte, M.L. (2005) *Prevenção à violência doméstica contra crianças e adolescentes: procedimentos e orientações*. Recife: Rede tecendo parcerias.
- Faleiros, V. P. & Faleiros, E. S. (2006). *Formação de educadores: subsídios para atuar no enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes*. Brasília: MEC/SEDAC.
- Minayo, M.C.S (2001). *Violência contra criança e adolescentes: questão social, questão de saúde*. Brasileira de Saúde Materno infantil; 1: 91-102.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (2007). *Representações sociais: Investigações em Psicologia Social* (5ªed) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Padilha, M.I.C.S. (2001). *Representações sociais: aspectos metodológicos*. Passo Fundo, RS: Universidade de Passo Fundo.
- Reinert, M. (1993). *Quelques aspects do choix des unités d'analyse et de leur controle dans la méthode "Alceste"*. Em L.S. Bolasco. *Analisi Statistica dei Dati Testali* (PP.27-34). Roma, CISU. Recuperado em 15 de janeiro de 2009. Obtido em <http://WWW.imagezafar.com/publication>.
- Ribeiro, M. M. & Martins, R. B. (2006). *Violência doméstica contra a criança e o adolescente: Realidade velada e desvelada no ambiente escolar*. Curitiba: Juruá Editora.
- Santos, L. E. S. & Ferriani, M.G.C. (2007). *A violência familiar no mundo da criança de creche e pré-escola*. Revista brasileira de enfermagem vol.60 no.5 Brasília Sept./Oct



¹Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Docente da Universidade Federal do Acre. E-mail: danymontec@yahoo.com.br